

Índice

Um Desporto de Reis	9
O Nosso Havai	35

É disto que se trata, de um desporto de reis para os verdadeiros reis da terra. A relva estende-se até à água na praia de Waikiki, a cerca de vinte metros do eterno mar. As árvores descem também até à orla salgada, e a gente senta-se à sombra delas a olhar para o mar, para as majestosas ondas que rebentam na praia, aos nossos pés. A menos de um quilómetro, onde estão os recifes, as ondas de crista branca erguem-se repentinamente do plácido azul-turquesa e rolam em direcção à praia. Um após outro, com quilómetro e meio de extensão e cristas escumosas, vão chegando os brancos batalhões do infinito exército do mar. Sentamo-nos ali a ouvir

o perpétuo rugido, a observar o intérmino cortejo, e sentimo-nos frágeis, minúsculos diante daquela força tremenda que se expressa em fúria, espuma e rumor. Na verdade, sentimo-nos microscopicamente pequenos, e a ideia de que se pode lutar com aquele mar desperta na imaginação um frémito de apreensão, quase de medo. Que diabo, aqueles monstros com um quilómetro e meio de extensão têm fauces de touro, e pesam mil toneladas, e carregam em direção à costa mais depressa do que um homem consegue correr. Que hipóteses temos? Nenhuma, é o veredito do ego receoso; e estamos ali, olhamos, ouvimos e pensamos que, sentados na relva, à sombra, é que estamos bem.

E, de súbito, ao longe, onde grandes salpicos de espuma sobem no ar, erguendo-se como um deus do mar por entre o tumulto de espuma e ondas revoltas, na precária e vertiginosa crista, vacilante, encurvada, em queda, aparece a escura cabeça de um homem. Rapidamente, ele ergue-se naquela impetuosa brancura. Os seus ombros negros, o seu peito, o ventre, os membros — tudo se projeta

abruptamente na nossa visão. Onde um momento antes havia apenas a vasta desolação e o invencível rugido, agora vemos um homem de pé, plenamente aprumado, e que não se debate freneticamente naquele movimento selvagem, que não é engolido, esmagado e golpeado por aqueles monstros poderosos, mas que se ergue acima de todos eles, calmo e soberbo, equilibrado no vertiginoso cume, com os pés mergulhados na espuma turbilhonante, a frol salgada a subir-lhe até os joelhos e todo o resto do seu corpo sob a luz cintilante, o ar livre; e paira no ar, desliza para a frente, tão depressa quanto a velocidade da onda sobre a qual se ergue. É como um deus Mercúrio — um Mercúrio moreno. Tem asas nos calcanhares, e nestes a ligeireza do mar. Na verdade, ele saltou da praia para o dorso do mar e cavalga-o agora, e o mar brama e rugue, mas não consegue sacudi-lo de cima de si. Mas não se vê no homem qualquer frenético esforço para se equilibrar. Está impassível, imóvel como uma estátua subitamente esculpida, por um qualquer milagre, a partir das profundezas marinhas de onde se er-

gueu. E voa em direção à costa, sobre os alados calcanhares e a branca crista da onda. Dá-se uma furiosa erupção de espuma, um rumor arrastado e tumultuoso, enquanto a onda se quebra na praia, fútil e exausta, aos nossos pés; e da água sai então, calmamente, um canaca tostado, dourado e bronzeado pelo sol tropical. Há poucos minutos, ele era um pontinho a quatrocentos metros de distância. Ele «freou a onda de boca de touro» e montou-a, e o orgulho pela façanha transparece no porte do seu corpo magnífico enquanto descuidadamente olha de relance para nós, sentados à sombra na praia. É um canaca — e mais do que isso, é um homem, um membro da realenga espécie que dominou a matéria e os animais e impera sobre a criação.

E a gente pensa na última luta de Tristram com o mar naquela fatídica manhã; e também que este canaca fez o que Tristram jamais conseguiu, e que ele conhece um prazer do mar que Tristram jamais conheceu. E continuamos a pensar. É muito bonito estar aqui sentado à fresca sombra da praia, mas tu és um homem, um membro da espécie realenga, e o

que este canaca consegue fazer, tu também o podes conseguir. Vai em frente. Tira essas roupas, que não passam dum incómodo neste clima ameno. Entra na água e luta com o mar; dá asas aos calcanhares com a força e a habilidade que tens dentro de ti; põe um freio nas ondas, domina-as e cavalga sobre elas como um rei deve fazer.

E foi assim que me atirei ao surf. E agora que já domino a técnica, parece-me mais do que nunca um desporto de reis. Mas primeiro deixem-me explicar a física da coisa. Uma onda é uma agitação transmitida. A água que compõe o corpo de uma onda não se move. Se fosse esse o caso, quando se atira uma pedra para um lago e as ondulações se estendem num círculo cada vez mais largo, no centro abrir-se-ia um buraco cada vez maior. Não, a água que compõe o corpo de uma onda é estacionária. Assim, podemos observar uma parte específica da superfície do oceano e veremos a mesma água subir e descer mil vezes devido à agitação transmitida por um milhar de ondas sucessivas. Agora imagine-se essa agitação transmitida a avançar para a costa.